



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Orientadora: Nelia Del Bianco

Subverso

Arte de Cantar o Protesto

Fernando Braga Rennó

Brasília – DF, Novembro 2014



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Orientadora: Nelia Del Bianco

Subverso

Arte de Cantar o Protesto

Fernando Braga Rennó

Série de programas de rádio apresentados como
requisito para obtenção do grau de Bacharel no
curso de Comunicação Social habilitação
Audiovisual pela Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília.

Brasília – DF, Novembro 2014



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Trabalho de Conclusão de Curso

Membros da banca examinadora

1. Professora Nelia Del Bianco
2. Professor Carlos Eduardo Esch
3. Professora Ellis Regina
4. Suplente: Professora Erika Bauer

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e meu irmão pela compreensão e paciência além do apoio nos momentos difíceis

Aos meus amigos, que fazem parte da minha própria identidade

À minha amiga Lilian, que me deu apoio especial durante todo o projeto

À minha orientadora Nelia Del Bianco, melhor professora que encontrei na Faculdade de Comunicação da UnB

A José Fontes Junior, pela atenção e ajuda na edição e montagem do programa

A minha amiga Marina Theodoro, pela boa vontade e colaboração na produção do programa

Agradeço a todos que me fizeram questionar o que há de interno e externo a mim.

Resumo

O programa Subverso é um programa de rádio composto por quatro edições. Cada edição possui duração aproximada de 30 minutos e trata sobre uma banda ou músico brasileiro notável por seu engajamento sócio-político na música. O programa explora o conceito de subversão da cultura estabelecida, e suas tradições, através de artistas que usaram a música como instrumento de protesto. A série de programas procura retratar a vida e a personalidade de cada artista, explicando, assim, as razões e formas com que o músico expressa sua rebeldia. O programa dá importância também para o contexto histórico e geográfico em que tais composições musicais foram escritas, assim como os movimentos culturais em que o artista está inserido. Cada edição do programa trata de um artista, sendo eles o sambista Bezerra da Silva, a banda Ratos de Porão, o rapper MV Bill e o cantor Zé Ramalho.

Palavras-Chave: Subversão, Protesto, Bezerra da Silva, Ratos de Porão, MV Bill, Zé Ramalho

Sumário

Introdução.....	1
Problema da Pesquisa.....	2
A Subversão.....	2
A Origem da Ideia.....	5
Justificativa.....	8
Referencial Teórico.....	9
Metodologia.....	11
Bezerra da Silva.....	12
Ratos de Porão.....	15
MV Bill.....	18
Zé Ramalho.....	21
Conclusão.....	23
Referência Bibliográfica.....	24
Anexos.....	28

Introdução

Subverso é um neologismo, significa algo como o universo subversivo, ou o universo subterrâneo, ou o verso de baixo. Subverso é uma série de programas de rádio que mistura música e crítica política. A série é composta por quatro edições com duração aproximada de 30 minutos cada. O tema central do programa Subverso é a subversão. Para isso, a série de programas fala de quatro artistas. Esses artistas utilizaram sua música como forma de protesto contra diversas formas de opressão e preconceito. Cada artista demonstra uma ótica diferente da subversão, elegendo seus temas de protesto segundo a perspectiva social que mais lhes afeta como pessoas.

A arte é uma forma de expressão que vai além da simples comunicação verbal, e por isso há muito tempo vem sendo usada como ferramenta de contestação, de reivindicação e discordância quanto a um conjunto de valores ou forma de opressão; é também uma ferramenta de afirmação de um ponto de vista. Esse tipo de arte é conhecido como arte engajada. Dentro da arte engajada, é comum o surgimento de movimentos que, além de promoverem uma estética artística em particular, relacionam-se a reivindicações sociais específicas, como o caso do Rap ligado ao movimento negro.

A subversão também está ligada à personalidade dos artistas e conseqüentemente a suas histórias de vida. A partir disso, devemos definir o conceito de subversão, e deixar clara a conotação ideológica usada pelo programa. Devemos também explicar o caráter da subversão de cada artista retratado pelo programa.

Problema da Pesquisa

A Subversão

Subversão é o ato, tentativa, ou mesmo pensamento que se opõe às formas de poder, hierarquia, autoridade e ordem social preestabelecida. A subversão é também um sentimento, um estado de espírito, ou ainda um *zeitgeist* (espírito do tempo). Isto é, a subversão é um sentimento criado por cada pessoa a partir de determinadas condições e situações que a sociedade impõe ao indivíduo, a um grupo ou até todos os grupos sociais de uma região.

Subverter no dicionário tem a significado de revolucionar; destruir; desorganizar; voltar de baixo para cima. Ou seja, subverter significa acabar com a ordem vigente de poder e hierarquia para instaurar um modelo que venha de baixo; do oprimido voltando-se contra o opressor. Nesse sentido pode-se entender a subversão como uma tentativa de ruptura das tradições e valores morais que uma sociedade carrega historicamente.

Subversão é definida pelas esferas de poder como a intenção de se desestabilizar a ordem vigente, e sendo o órgão no poder o próprio beneficiário da ordem vigente e construído a partir da hierarquia, subversão nesse âmbito é sempre definido como algo negativo e perigoso. O MI5 (serviço britânico de inteligência) define subversão como a “intenção generalizada de derrubar ou enfraquecer a democracia parlamentar através de meios políticos, industriais ou violentos”, uma definição não muito diferente daquela encontrada nos meios militares norte-americanos: subversão é o “empenho em enfraquecer os Estados Unidos e seus amigos e aliados”. Nessas definições de subversão destaca-se o relativismo do conceito, pois ele se aplica apenas ao ato do adversário, isto é, apenas aquele tido como inimigo é capaz do ato subversivo. Assim, a União Soviética provocou a desestabilização dos governos democráticos do leste e centro europeus, enquanto os Estados Unidos colaborou com o golpe de estado que derrubou Salvador Allende no Chile em 1973. Esses exemplos são subversivos apenas do ponto de vista do adversário, não do ponto de vista de quem o cometeu, segundo a ótica militar.

O programa Subverso não pretende usar dessa conotação, que tem a intenção de mostrar a ótica do opressor, o ponto de vista de cima. Aqueles com poder e privilégios não

têm porque pensar em subversão como algo saudável e positivo. Pelo contrário, a ideologia que suporta os privilégios da elite precisa priorizar a ordem. A elite precisa de uma massa trabalhadora, seja para a produção de bens que lhes traz conforto, seja para o serviço direto, por exemplo, como empregada doméstica. Portanto, qualquer ideologia que incite a destruição da ordem estabelecida é veementemente combatida. Exemplo disso é a oposição que o fascismo faz ao conceito de luta de classes, pregando-se a união entre todas as classes sociais sob um ideal nacionalista uniforme.

Dessa forma, podemos separar duas concepções opostas de subversão. Há a subversão caracterizada pelo opressor, que, a partir de sua ideologia defensora dos privilégios, identifica a subversão como um mal social, algo a ser evitado. Por outro lado, existe a definição do oprimido, daquele que é contra os moldes da sociedade tradicional, caracterizando a subversão como um catalizador das transformações sociais. É essa segunda categoria de subversão que o programa expressa, denotando-a positivamente.

A partir disso, devemos, ainda, diferenciar a subversão como comportamento individual e como comportamento coletivo. Para isso, é preciso analisar as razões das duas espécies de comportamento subversivo. Individualmente, a subversão relaciona-se com insubordinação, indisciplina, ou seja, é desencadeada a partir da insatisfação com um superior direto, alguém que possui autoridade pessoal sobre a pessoa. Já a subversão coletiva está relacionada à palavra revolução e é provocada por uma situação social, tendo como objetivo mais radical a deslegitimação da autoridade, já que a simples insubordinação não atende as necessidades dos agentes subversivos. Para entender melhor o caso da subversão em âmbito social coletivo, vamos a alguns exemplos.

Inúmeros casos de governos ditatoriais, em que não há liberdade de expressão desencadeiam, na população, movimentos a favor da subversão dessa ordem política. Nesse caso, não é possível a simples insubordinação por parte dos agentes subversivos, pois isso implicaria em prisão, tortura, etc. O objetivo, portanto, é a subversão do sistema político, isto é, pretende-se retirar a legitimidade do governo para se instaurar novas regras sociais mais justas no ponto de vista dos revolucionários.

Outra situação em que a subversão ocorre, com grande intensidade, são os momentos históricos em que se pode desenvolver o livre pensamento, exemplo disso foram os chamados “Protestos de 1968”, impulsionados pela expansão do ensino superior entre as populações menos privilegiadas economicamente. Nessa ocasião, nem fatores políticos nem econômicos

deram propulsão aos movimentos, mas sim a educação atuou como uma arma subversiva. A população percebeu que o modo de vida capitalista não atendia seus desejos pessoais, passando a reivindicar uma vida menos pautada no dinheiro e mais na experiência de estar vivo.

Colocando de outra forma, a subversão é o desejo de afirmação de uma ideologia oposta à ideologia dominante. Em um mundo conectado instantaneamente pela internet, expressar com volume uma cultura, um conjunto de valores e ideias ainda é uma tarefa bastante trabalhosa. Por mais que a internet possa fornecer ferramentas para um embate democrático de discursos, ainda são as grandes corporações endinheiradas que tomam conta da divulgação e circulação de informação, inclusive dentro da internet. Ocorre, assim, que grande parte da população não se sente representada pelas ideias impostas pelos meios de comunicação tradicionais. Em outras palavras, a grande mídia não dá espaço para que possam se estabelecer discursos que questionem a ordem e o poder dessas corporações. Isso não apenas confugira uma forma de opressão, como combate o processo subversivo de substituição da velha cultura por uma nova e mais tolerante.

Outro conceito interessante, aplicado, dessa vez, ao indivíduo, é o de “subversão de identidade”, proposto pela filósofa Judith Butler em 1990, que encara nosso sistema de valores morais baseados em uma matriz heterossexual e no patriarcado. Por isso, romper com tais valores, corresponde a romper com uma identidade construída socialmente e não uma identidade que emana do ser, superando um modo tradicional de se construir a identidade e moldando uma nova visão a partir dessa ruptura. Esse conceito contribui para a compreensão que este projeto pretende dar ao aspecto individual da subversão.

O programa Subverso pretende focar seu conteúdo na subversão em âmbito social, sem esquecer, porém, da subversão individual, pois o comportamento em grupo está ligado ao estado psicológico dos indivíduos que compõem o grupo. E pelo fato do programa tratar de indivíduos artistas, especificamente, é preciso levantar alguns aspectos da vida e da personalidade do sujeito, para melhor compreender sua atividade social.

A Origem da Ideia

A ideia desse trabalho surgiu em meio às manifestações de junho de 2013 a partir da indagação sobre o conceito de subversão e como esse conceito é tratado pelos diferentes grupos políticos que compõem a sociedade brasileira. Nessas manifestações, notei que parte da população enxergava os manifestantes, mesmo os pacíficos, como “baderneiros”, palavra com conotação similar ao sentido atribuído negativamente à subversão.

Embalados pelos duros protestos da Praça Taksim em Istambul, O MPL (Movimento Passe Livre) convocou a primeira manifestação em São Paulo no dia 6 de junho, quatro dias após o aumento nas tarifas de ônibus, outras manifestações de caráter anarquista aconteceram nos dias 7 e 11, ocorrendo em violência policial. Os manifestantes queimavam catracas e bandeiras do Brasil, demonstrando sentimentos antinacionalistas, antimilitares e anticapitalistas. Até esse momento o ideal dos manifestantes era bastante conciso e a mídia classificava tais manifestações como simples vandalismo. Na quinta-feira dia 13 de junho, porém, outra manifestação foi convocada e dessa vez muitos repórteres da grande mídia estavam presentes em meio aos manifestantes e a polícia agiu com a mesma brutalidade com que agira nos protestos anteriores. O resultado foi um massacre captado pelas numerosas lentes jornalísticas. Jornalistas e manifestantes com hematomas, olhos inchados, cortes na pele, etc. foi a tônica dos jornais no dia seguinte. Com isso a mídia e alguns setores conservadores da população começaram a admitir certa legitimidade nos protestos, pois passaram a ver os manifestantes como vítimas. Nesse momento, a mídia viu a necessidade de separar ideologicamente os manifestantes e acabou, indiretamente, convocando outro tipo de participante para os protestos. Foi quando se viu propagar a alcunha de “cozinha” aos manifestantes com ideologia nacionalista, pró-polícia, e supostamente apartidária, que nada tinham a ver com o aumento das tarifas de ônibus. Enquanto isso, manifestantes mais agressivos, classificados de forma simplista, como Black blocs, provocavam tumulto junto aos policiais. A mídia cumpriu sua tarefa de dividir os protestos ideologicamente e o MPL retirou-se das ruas no dia 21 de junho com a pontual vitória da revogação do aumento da tarifa.

Em todo esse percurso podemos notar dois tipos de agentes subversivos: os manifestantes pré-13 de junho e os supostos Black blocs pós-13 de junho. Isso levanta a questão: por que os ditos coxinhas jamais são considerados subversivos?

Os coxinhas em momento algum questionaram a legitimidade de alguma instituição, seja do sistema governamental, a polícia militar ou a mídia. As reivindicações desse setor giravam em torno de melhorias na educação e na saúde além da reivindicação pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff. O perfil do coxinha reflete individualismo acentuado, poder econômico elevado e ideologia de centro-direita. O fomento do ideal coxinha, portanto, pôde ser notado nas eleições de 2014, com o aumento expressivo no número de representantes conservadores no Congresso Nacional.

A ideologia coxinha, desse modo, comprova-se uma ideologia da elite, mantenedora da ordem, despreocupada com os sistemas de opressão vigentes e satisfeita com os valores morais tradicionais da nossa sociedade. Uma ideologia que não configura, sob nenhum ponto de vista, subversão.

Por outro lado os manifestantes simpatizantes ao MPL e os Black blocs dividem-se em um espectro nebuloso que vai do vandalismo até a expressão pacífica de suas opiniões. E é esse último polo do espectro que convém ao programa Subverso.

Esse é o tipo de subversão que está ligado à arte engajada; à música como protesto. Esse tipo de agente subversivo pretende expressar sua subversão através do diálogo, e da exposição de ideias com a convicção de que educar outras pessoas poderá libertá-las das tradições opressoras da sociedade. Dentro dessa classe de subversivos estão os artistas apresentados pela série de programas.

A ideia do programa ganhou forma e duas tarefas fizeram-se necessárias: tornar claro o conceito de subversão a ser usado; e escolher os artistas sobre os quais o programa iria falar.

A primeira tarefa começou com a definição do dicionário e textos que falam diretamente sobre a subversão de forma geral. Os textos que achei, todavia, mostravam apenas a ótica militarista sobre a subversão e não davam o caráter desejado pelo Subverso. Uma melhor conceituação da ideologia do programa então ajudou a abrir o campo semântico desse caráter de subversão e investigar processos históricos que geraram movimentos subversivos.

A tarefa de selecionar os artistas teve como critério principal uma diversidade ampla de estilos. Chegando à escolha de estilos tradicionalmente mais engajados, foram eles o samba, o rock, o punk, o rap, ritmos sertanejos e nordestinos além das marchinhas políticas.

Depois disso, o critério usado foi a proximidade dos artistas, isto é, eles deveriam ser brasileiros, com isso selecionei os seguintes artistas: Bezerra da Silva, Sepultura, Zé Ramalho, Racionais MC's e Ratos de Porão.

O terceiro critério foi adotar apenas letras de música na língua portuguesa, descartando assim, a banda Sepultura, que canta quase exclusivamente em inglês.

O quarto e último critério foi verificar a bibliografia sobre tais artistas. Nesse momento, tomei conhecimento que o rapper MV Bill havia publicado um livro com temática sociológica, algo que se enquadrava perfeitamente na necessidade do programa. Decidi, portanto, substituir os rappers do grupo Racionais MC's pelo estilo carioca do rap de MV Bill. Esse processo resultou na seleção de Bezerra da Silva, Ratos de Porão, MV Bill e Zé Ramalho.

Descobri que cada um desses músicos tinha participado de pelo menos um documentário, além de haver livros escritos a respeito deles.

Finalmente, para a escrita dos roteiros seria necessário relacionar a filmografia, bibliografia e discografia de cada artista ao conceito de subversão proposto pela série de programas e selecionar algumas músicas com conteúdo adequado à composição de cada edição do programa.

Justificativa

A população brasileira está polarizada politicamente, isso se evidenciou nas eleições de 2014. De um lado, movimentos sociais, como o movimento LGBT, a Marcha das Vadias e a Marcha da Maconha, ganharam bastante notoriedade nos últimos anos. Do outro lado, a direita conservadora reage a esses discursos e se mostra cada vez mais resistente em manter sua ideologia tradicional. Exemplo disso é o crescimento da bancada evangélica e da chamada bancada da bala no Congresso Nacional.

O resultado dessa intensificação de ambos os discursos é uma polarização ideológica da população. Junto a essa polarização, muito preconceito é propagado, contribuindo para uma atmosfera de confusão política em que muitos assuntos de grande relevância não são tratados pela imprensa nem pela população com a devida seriedade.

A importância do programa Subverso está em dar apoio ao ideal de esquerda, usando ícones da música do passado recente e do presente para demonstrar a relevância da subversão dos valores tradicionais. Ao mesmo tempo fornecendo um meio para a exposição dessas ideias subversivas. O programa Subverso, por menor que seja, oferece um meio de propagação de ideias de liberdade e igualdade, contra a opressão e a hierarquização social da sociedade. São ideias que vêm sendo debatidas de forma insuficiente ao longo do tempo.

O projeto de democratização da mídia, assunto que também ganhou proeminência nos últimos anos, requer, além da regulamentação legislativa, a criação de produtos audiovisuais que representem os mais variados pontos de vista e atendam as necessidades dos cidadãos excluídos pela mídia.

Referencial Teórico

O referencial teórico desse projeto baseou-se em um livro e um documentário abordando cada um dos artistas apresentados, além de uma base teórica para o esclarecimento da ideologia do programa.

Esse esclarecimento se fez por meio do livro “Era dos Extremos” do historiador britânico Eric Hobsbawm, que contribuiu para a investigação de movimentos revolucionários do século XX além de mecanismos de controle social usados pelas esferas de poder ao longo do século citado. Esse livro também demonstra as causas e consequências da polarização política da população e expressa através da ótica de esquerda, mais especificamente marxiana, e a importância das reivindicações sociais para a evolução dos sistemas éticos da humanidade.

Outra referência que contribuiu para a formação ideológica do projeto foi o filme “O Guia Pervertido da Ideologia” escrito pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek. Esse filme expõe de forma didática os elementos que compõem uma ideologia e a forma como as pessoas se relacionam com suas próprias ideologias. Esse filme colaborou tanto para a elucidação da minha relação para com a minha própria ideologia, quanto para explicar como e porque parte da sociedade defende com tanta intensidade a ideologia conservadora.

Para a elaboração do programa sobre o Bezerra da Silva encontrei um livro que se encaixava perfeitamente dentro da proposta do projeto, o livro “Bezerra da Silva - Produto do Morro” da antropóloga social carioca Letícia C. R. Vianna. Esse livro traz uma abordagem biográfica de Bezerra, uma comparação entre o papel social do sambista e de Luiz Gonzaga e uma análise aprofundada dos temas das letras cantadas por Bezerra da Silva. Esse livro foi muito importante para a minha compreensão de conceitos que o sambista levava consigo, como a subversão da malandragem. O documentário de 2012 “Onde a Coruja Dorme”, de Márcia Derraik e Simplício Neto também serviu de inspiração e fonte de conteúdo para o programa e a compreensão do universo de Bezerra. A estrutura do programa assemelha-se à do documentário, no formato dividido em temáticas apresentadas a partir das músicas.

O programa sobre a banda Ratos de porão teve como referência o livro “Consciência do Gordo”, uma entrevista concedida por João Gordo ao programa “De Frente com Gabi” e os documentários “Botinada: A Origem do Punk no Brasil”, de 2006 e “Guidable: A Verdadeira

História do Ratos de Porão”, lançado em 2008. O livro e a entrevista forneceram a base pessoal no tratamento da subversão de João Gordo, isto é, a origem do sentimento de revolta do vocalista assim como a forma de se expressar e as temáticas levantadas por Gordo. Os documentários ajudaram a compor a base teórica do programa sobre o movimento punk e a história da banda Ratos de Porão.

A referência teórica para a elaboração do programa sobre o rapper MV Bill foi um caso interessante, pois a descoberta da principal base teórica, o livro “Cabeça de Porco”, precedeu a escolha do rapper como componente do programa. MV Bill colabora de diversas formas para a melhoria social das favelas brasileiras e é ativista pela causa dos jovens ligados ao tráfico de drogas. Desse seu engajamento, vêm as duas principais fontes de conteúdo para o programa. A primeira é o livro “Cabeça de Porco”, lançado em 2005 e escrito por Bill, seu amigo e empresário Celso Athayde e o antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares, traz uma visão aprofundada da realidade dos jovens habitantes das favelas de todo o Brasil, apontando para os erros que o sistema de convívio social, o governo, e a polícia cometem em relação a esses jovens desde seu nascimento até sua provavelmente prematura morte. A segunda referência, o documentário “Falcão – Meninos do Tráfico” está relacionada à primeira em diversos níveis. O documentário foi gravado de 1998 a 2006 e transmitido pelo programa “Fantástico” e faz parte do mesmo projeto que lançou o livro citado e mostra de forma dura a realidade das favelas brasileiras mostradas através das palavras dos jovens criminosos.

O caso do Zé Ramalho foi um pouco complicado, pois não há referência que aborda o aspecto de crítica política do músico. A solução foi buscar referências sobre a vida de Zé e relacioná-las às letras das músicas. Encontrei o livro “Zé Ramalho – O Poeta dos Abismos”, de Henri Koliver, lançado em 2008, que fala sobre a biografia de Zé Ramalho e a trajetória de sua carreira através de seus discos. O documentário “O Herdeiro do Avohai”, de 2009, também ajudou a compor o caráter subversivo de Zé por meio de outra abordagem biográfica do cantor.

Metodologia

Após a pesquisa, elaborei um texto dissertativo-descritivo sobre cada músico. O texto tinha como objetivo relacionar as letras das músicas, a vida dos artistas, o contexto social, em que eles estão inseridos e o conceito de subversão desenvolvido pelo projeto.

Dividi esses textos em temas recorrentes nas obras dos músicos e escolhi músicas com letras ligadas a tais temas. Dessa forma, foi formado cada bloco de cada programa.

A estrutura dos programas é a seguinte:

Primeiramente o programa fala um pouco sobre o artista em si, o contexto social, e o projeto geral que tal músico pretende para sua obra, puxando então um gancho para o primeiro tema em específico a ser tratado e para a primeira música.

O segundo bloco faz comentários sobre o tema levantado pela música, suas implicações sociais, alguns argumentos que defendem o discurso do artista e por fim faz uma relação entre o tema da primeira música e o tema que será tratado pela segunda música.

Essa estrutura se repete até exaurir os temas de relevância dos artistas ou até que se complete o tempo de programa.

A pesquisa para cada um dos músicos foi fundamentada a partir de um livro. Para Bezerra da Silva, me baseei no livro “Bezerra da Silva – O Produto do Morro”, de Letícia C. R. Vianna, um livro lançado em 1999 que aborda a vida de Bezerra como um ícone antropológico nascido do ambiente da favela. A pesquisa sobre a banda Ratos de porão foi baseada principalmente no livro “Consciência do Gordo”, uma compilação de textos retirados do programa “Gordo a Go Go” e lançado em 2004. Para a edição sobre MV Bill, usei o livro “Cabeça de Porco”, escrito por Celso Athayde, Luiz Eduardo Soares e pelo próprio MV Bill, sendo lançado em 2005 como parte de um projeto que buscava documentar a vida de crianças envolvidas no tráfico de drogas por todo o Brasil. A parte sobre Zé Ramalho foi feita a partir do livro “Zé Ramalho – O Poeta dos Abismos”, escrito por Henri Koliver e lançado em 2008, é uma obra que fala sobre a vida do cantor e sua extraordinária capacidade poética.

Bezerra da Silva

Entre as principais temáticas poéticas exploradas por Bezerra da Silva está a crítica social e política. Ele chama a completude de sua obra de uma “cadeia de esclarecimento”, um conjunto de discursos baseados naquilo que o favelado percebe como realidade e não se vê refletir na grande mídia. Bezerra se diz “pobre duas vezes” por ser migrante nordestino e favelado. Apesar de nordestino, a maior parte de sua identidade vem do morro, mais especificamente o morro do Cantagalo, onde criou fortes raízes e que junto com a religião ajudou a conquistar seu caminho de prestígio dentro da sociedade. Além do rótulo de malandro, Bezerra é identificado como o “embaixador das favelas” e “o porta-voz dos excluídos”.

Bezerra divide sua vida em quatro fases:

➤ A infância no nordeste

É marcada por conflitos familiares e com a ordem institucional, um prenúncio para sua existência marginal. A família era contra seu interesse pela música, mas mesmo assim ele aprendeu a tocar trompete escondido, o que causou mais conflito e revolta no jovem Bezerra.

➤ A vida no Rio antes da sarjeta

Ao chegar ao Rio de Janeiro, o então José (Bezerra da Silva) virou Bezerra de modo a se distinguir de outros Josés da Silva que imigravam do nordeste como ele. Foi trabalhar na construção civil recebendo um salário diminuto, vivendo no morro do Cantagalo, explorado pela bandidagem e, além disso, era discriminado pela polícia. Foi preso para averiguação 21 vezes. Com toda essa opressão, um momento tudo lhe “saiu da mente”, abandonou o que tinha e se tornou mendigo.

➤ Os sete anos de sarjeta

Bezerra vê essa época como um grande aprendizado, relaciona esse momento com questões profundas como os limites da dignidade, a miséria física e moral e os limites da razão. Nesse período de sua vida, ele obteve apoio e se reergueu com a ajuda da umbanda, e passou a dar valor para a religião e o mundo sobrenatural.

➤ A vida depois da sarjeta

Começou a reestruturar sua vida e no ano em que gravou seu primeiro LP também sofreu com a remoção do Parque Proletário da Gávea. Estudou música com grande afinco, aprendeu violão clássico, percussão, cavaquinho, trompete e piano. Nessa época estabeleceu seu nicho musical como intérprete de compositores desconhecidos, firmando-se em meio a um público independente da mídia. Além disso, via nessa atividade um sentido político. Daí o título “o porta-voz dos excluídos”.

Segundo Bezerra, sua função política é marginal à política oficial, da qual ele demonstra total descrédito, e declara publicamente sua opção pelo voto nulo. Além desse ponto, sua indignação também se mostra presente ao falar de como foi trapaceado pela gravadora com a qual teve contrato por 14 anos. Foi vítima de uma estratégia de dominação há muito comum no Brasil: a dívida.

Conforme diz o livro “O Produto do Morro”, Bezerra traça sua imagem como a de um herói sofredor e batalhador que vence em meio a uma sociedade injusta. Nesse ponto Bezerra se conecta, por meio de sua identidade, com o povo, por isso é uma artista marginal, mas ao mesmo tempo ao gosto da grande massa. Ele diz: “enquanto eu viver vou ser uma pedra no sapato deles (da sociedade injusta)”.

Faz-se importante ressaltar, como no livro, o caráter de porta-voz que tem Bezerra da Silva: “ele não é autor, mas um artista que faz a mediação entre os compositores e o público”.

Bezerra vem de um momento histórico em que o samba já era considerado dentro e fora do Brasil como o gênero musical nacional. Entretanto, a música nordestina ganhava, desde Luiz Gonzaga, muita força no cenário nacional. Bezerra, porém, que começou sua carreira como “O Rei do Coco” (coco é um ritmo típico do nordeste), a partir de seu terceiro LP, passa a tocar o partido-alto, um subgênero do samba, particularmente associado à favela. Muito dessa escolha está relacionada ao intuito comercial de sua carreira, mas há inegavelmente o lado sócio-político dessa mudança. Sua grande fonte de inspiração e identificação se torna o morro, seu ponto de referência e de onde vem sua forma de enxergar a realidade. Toda a injustiça, a opressão, a camaradagem, enfim, a “lei do morro”, o mundo que Bezerra canta está situado em torno da temática da favela.

É notável a aproximação que ocorreu a partir da década de 1960 entre a elite jovem e intelectual brasileira com a cultura do sertão e da periferia. Filmes como “Cinco vezes favela” e “Vidas Secas”; nomes como Glauber Rocha e Geraldo Vandré ilustram bem esse momento histórico. Esse período antecedeu a carreira artística de Bezerra, mas certamente refletiu na obra do sambista, que faz de seu discurso um discurso de esquerda contra o capitalismo e o racismo, mas sem se engajar em campanhas políticas, haja visto seu total descrédito na democracia tal como praticada no Brasil.

Mais para o final de sua carreira, Bezerra, vivendo um momento de consagração, repercutiu e influenciou até hoje as novas gerações. Muitos são os grupos musicais que lhe homenagearam e foram influenciados por sua temática, por exemplo: O Rappa, os Racionais, Marcelo D2, entre outros. É importante notar que grande parte dos artistas influenciados por Bezerra são, independentemente ou através de movimentos como o Rap, politicamente engajados e também provenientes de camadas sociais baixas e predominantemente negras, como o Reggae. Além disso, muitos fãs de Bezerra da Silva se encontram nas camadas médias e não são particularmente ouvintes de samba, mas de rock e se identificam com o sambista por se verem marginalizados pelo consumo de drogas.

Bezerra da Silva considera os compositores com quem trabalhou “verdadeiros poetas – cronistas da sociedade” ou ainda “compositores de verdade” por serem analfabetos musicais e ainda assim compor música com tanto talento. Em suas letras estão presentes diversos linguajares: o calão de policiais e bandidos, a linguagem dos santos e fiéis da umbanda e as gírias dos usuários de drogas.

Letícia C. R. Vianna, demonstra no livro “Produto do Morro” que Bezerra da Silva, em suas músicas subverte o sentido de malandro e otário recorrente no imaginário coletivo proveniente do samba. Malandro, nesse meio, toma contornos muito próximos do bandido, o malandro é o sujeito que não trabalha, ou seja, não se esforça, e ainda assim consegue viver até melhor que o trabalhador, no caso do bandido com mais prestígio, alcançado através do poder bruto simbolizado e mantido pela arma de fogo. O otário, por outro lado, se aproxima do trabalhador que se submete à exploração do dia a dia e nada faz como forma de revolta. Na perspectiva de Bezerra os conceitos trocam de polaridade. O malandro é aquele que conquista seu respeito e seus bens através do direito, sem trapaça, através do seu talento e trabalho, é o sujeito que sabe o que fazer “na hora da dura”, que não dá mole nem pra bandido nem pra polícia, enfim, o malandro não sucumbe à exploração capitalista, da polícia nem dos

traficantes, onde sucumbir significa virar bandido. Já o otário é aquele que fala sem saber, que finge ser o que não é, ou nega aquilo que é, é o sujeito que adquire poder através da arma de fogo, bate em mulher, e que por detrás da aparência não passa de um covarde.

Letícia C. R. Vianna define muito bem o que representa Bezerra da Silva e por que ele é produto do morro:

“A partir da análise de letras podemos observar que o repertório de Bezerra da Silva constitui uma espécie de discurso construído sob a perspectiva do povo que se opõe à elite. Nesse caso, a oposição popular/elite não é uma dicotomia dada a priori pelo observador, mas uma construção brasileira. No repertório de Bezerra da Silva a classe social, é sem dúvida, um fator objetivo condicionante do campo de possibilidades de criação; e, sem dúvida, o termo “classe” pode ser útil para interpretações interessantes sobre o mundo que esse tipo de samba condensa, desde que não obscureçam outros fatores condicionantes da singularidade e diversidade vivida cotidianamente no mundo generalizado como classe. Nos sambas em questão a linha de classe é uma dentre outras linhas que traçam identidade; e nesse sentido o repertório de Bezerra da Silva não é tanto uma representação de classe, e mais uma representação de um etos específico na complexidade social brasileira, cuja identidade é delineada pela condição de favelado, por uma certa percepção da política, pela reverência aos santos da umbanda, por uma certa representação de gênero, por um modo próprio de lazer e de relação com a marginalidade.” (VIANNA, 1999, p. 153 – 154)

Ratos de Porão

O grupo Ratos de Porão, no qual se destaca como principal interlocutor o vocalista João Gordo, é uma banda paulistana com grande tradição no cenário da música punk brasileira. Provenientes das periferias de São Paulo, os membros da banda se identificaram durante a adolescência com o movimento punk que começava a despontar no Brasil na época em que o Ratos de Porão foi formado em 1981.

A cultura Punk é fortemente associada ao anarquismo e à luta contra o poder. Está também ligada às classes economicamente baixas da pirâmide social. É uma cultura baseada no questionamento à moral e aos valores tradicionais, criticando principalmente o sistema político e econômico baseado no capitalismo, a dominação das religiões sobre a população, o nacionalismo e o militarismo. Além disso, a cultura punk está ligada também a lutas sociais contra a homofobia, o racismo, o sexismo e pelos direitos dos animais.

João Gordo é a principal figura dos Ratos de Porão. Tem uma personalidade bastante expansiva, fala o que pensa e também fala sem pensar, palavrões são mais que praxe em seus discursos. João representa a inescrupulosidade e o espírito contundente do punk.

João fala de sua infância como feliz e normal, sua adolescência, entretanto, é definidora de sua identidade e perfil subversivo. Segundo ele, sua vida começou a mudar quando começou a ouvir rock e sofrer *bullying* por ser gordo. Largou a escola no 2º colegial e em seguida passou um bom tempo sem emprego, usando drogas e vadiando com o grupo punk que se formava em São Paulo.

Gordo vê o trabalho, sobretudo como exploração, ele se aproxima, não por coincidência, da visão de Karl Marx em dois pontos: A produção de mais-valia e a mortificação do espírito humano. A produção de mais-valia é a exploração que o empregador impõe ao empregado, tirando-lhe parte do resultado do seu trabalho e assim gerando valor para si (para o capitalista). Quanto à mortificação do espírito, Marx aponta para o modo de vida que é imposto ao trabalhador das classes operárias: o trabalho que deveria ser o ato de realização e criação de sua energia física e espiritual torna-se, na verdade, uma atividade externa ao ser humano, isto é, uma atividade da qual apenas faz parte ser mecanicamente. O operário, portanto, se sente livre e ativo apenas em momentos que Marx enxerga como animais, como comer, beber e procriar. E João Gordo aponta para esses pontos da vida do operário, isto é, o trabalhador recebe o dinheiro para pegar o ônibus lotado, comer, dormir e voltar mais uma vez para o trabalho, em suas palavras: “uma escravidão semiaberta”. Ainda nas palavras do Gordo: “pra manter o emprego, tá todo mundo hoje na manha, pianinho, pianinho...”, isso representa ainda a mortificação do espírito, o trabalhador precisa se submeter a uma conduta, uma condição de existência que não corresponde à sua própria. Em outras palavras, o trabalhador é obrigado a engolir sapo, levar desaforo pra casa, se submeter à quase humilhação apenas para manter um emprego que lhe dá direito apenas a sobreviver. É além de tudo um trabalho obrigatório, nesse ponto de vista, segundo Marx. Gordo ressalta a

existência de escravidão no Brasil até os dias de hoje e faz um paralelo entre a escravidão do Brasil colônia e a situação do trabalhador atualmente; compara os ônibus lotados com os navios negreiros, as condições de trabalho semelhantes no passado e no presente, além da falta de lazer e perspectiva, e que assola principalmente os negros. Além disso, ele usa de forma contundente as palavras “escravidão semiaberta” para designar o regime de trabalho do trabalhador comum no Brasil, o que demonstra que de seu ponto de vista, familiar desde criança com a realidade da periferia de São Paulo, a vida do trabalhador é de fato uma vida de escravo, isto é, não há liberdade.

João Gordo, como é comum no meio punk e altamente incomum na mídia tradicional, critica duramente o patriotismo e o nacionalismo. Seu argumento é que o Estado não respeita o cidadão, o cidadão trabalha como um animal, paga seus impostos, dando apoio ao ideal nacionalista e em troca recebe educação e saúde da pior qualidade, apanha da polícia, não tem direito a se divertir e a ser dono do seu próprio nariz. Enquanto isso, o poder político e militar fica “nas mãos dessa cambada de extrema direita” e dos “burgueses moralistas”. O poder fica nas mãos das elites e o povo com seu patriotismo apoia deliberadamente um país que não é seu de direito. A crítica ao nacionalismo vai além, no meio anarcopunk, e acaba se assemelhando aos ideais de outras correntes de esquerda, que veem na separação política dos países, uma fonte de guerras, geração de desigualdade e uma forma de mascarar problemas. Para a ideologia anarquista, a única forma de solucionar problemas como a desigualdade social seria extinguir as fronteiras dos países, pois a população nunca é problema de um país separadamente, afinal se um país oferece melhores condições de vida a seus cidadãos, os cidadãos de outros países irão tentar viver nesse país de melhores condições, gerando outros problemas como a migração ilegal. O presidente do Uruguai José Mujica fez um discurso na Assembleia Geral da ONU em 2013 apelando aos líderes mundiais para que procurassem resolver os problemas do mundo como realmente problemas do mundo, não de países divididos.

Esse tema nos remete a outro também pouco ou nunca discutido na mídia *mainstream* que é a crítica à democracia, pelo menos da forma que ela existe hoje na maioria dos países que se alegam democráticos. A crítica à democracia, nas letras do Ratos de Porão está relacionada a três palavras chaves: sistema, capitalismo e anarquia. Sistema é o *modus operandi* que a sociedade segue, é “nascer para liberdade e crescer para morrer”, o sistema é como uma prisão que limita o desenvolvimento pleno do espírito humano. E a democracia é parte da composição do sistema, a suposta democracia em que vivemos nos dá a impressão de

que temos poder, por meio do voto, mas os candidatos brigam por votos com os mesmos discursos uns dos outros, evitam questões polêmicas, afinal não podem perder o apoio das maiorias, é um concurso raso de manequins com aparência de santos e demagogia acima de tudo. O Capitalismo é aquilo que guia o sistema, representa o egoísmo do ser humano e a fonte do poder, é a lei da selva, sobrevivência do mais forte, ou mais abastado. Anarquia é a proposta do movimento punk para a substituição do sistema, é a promessa da próxima revolução, subvertendo a ordem; o sistema vigente. É a libertação do trabalho, do capitalismo, da democracia falida e da subordinação ao Estado, é a vontade de se ver livre das correntes amarras morais.

João Gordo ainda aponta para a problemática das drogas, da polícia e a cultura das armas de fogo. São questões intimamente relacionadas e envoltas em muito preconceito. A questão das drogas, por um lado leva o assunto do problema social, que está ligado à polícia, por outro lado é um dos principais, se não o principal meio de fomento da indústria bélica. As drogas são vistas pela maior parte da sociedade como algo ruim e perigoso, por isso, da opinião pública parte a legitimidade das leis repressivas que marginalizam o usuário, dão suporte à agressão policial e movimentam o mercado de armas de fogo. A agressão policial por sua vez é resultado de leis que privilegiam os oficiais de polícia e do preconceito racial e social instigado em suas mentes pelo próprio treinamento militar. Já a cultura das armas de fogo se origina do medo da população àqueles que a própria sociedade marginaliza e ao mesmo tempo dá sequência à cadeia de produção de armas que alimentam o tráfico e a polícia agressora.

MV Bill

MV Bill é um Rapper carioca que direciona a maior parte do seu trabalho para atender, estudar e ajudar a juventude envolvida com a criminalidade. Sua identidade artística está fortemente ligada ao engajamento social. Ele, junto com seu empresário e amigo Celso Athayde, produziu o documentário “Falcão – Meninos do Tráfico”, escreveu um livro homônimo ao filme, além de outros dois livros, “Falcão – Mulheres e o Tráfico” e “Cabeça de Porco”, participou da fundação da CUFA – Central Única de Favelas, uma organização engajada em produções culturais, sociais, políticas e esportivas, voltada a atender os jovens

das favelas brasileiras. Seu objetivo é subverter a ordem social que empurra o jovem negro e da favela para a marginalidade, criando oportunidades de expressão cultural, ou mesmo fornecendo oportunidades de estudo e ocupação do tempo com atividades produtivas para o jovem pobre.

O livro “Cabeça de Porco” mostra uma realidade que é comum por todo o Brasil, a marginalidade decorrente da vida na favela. O ponto do livro é mostrar que a cultura da criminalidade segue uma mesma linha em todas as grandes cidades brasileira e inclusive que essa cultura se originou no Rio de Janeiro e se propaga, sobretudo através da Televisão. Gírias como “alemão”, “comando vermelho”, etc. se tornaram frequentes nesses meios, fenômeno, ao qual Bill chama de nacionalização da criminalidade. Nas palavras dele:

“A TV consolida a informação e as posições deles (dos jovens favelados). Pior que isso, as TVs não somente fazem as matérias de maneira equivocada – considerando-se o ponto de vista do qual observo a situação, claro -, como também colaboram para a manutenção e ampliação do problema, ao desenvolver campanhas de propaganda que giram em torno da valorização do sexo, status e poder.” (SOARES, BILL & ATHAYDE, 2005, p. 55)

Na linguagem da favela carioca é bem clara a polarização “morro” e “asfalto”, são símbolos da dualidade criada entre a elite que vive na cidade organizada pelo Estado e a favela com suas próprias regras, praticamente uma terra onde impera a lei do mais bem armado, que no caso é sempre a figura do tráfico. Morro e asfalto são, além de representações geográficas, demarcações socioculturais, ou seja, morro é a comunidade, o lugar de acolhimento dos pobres, de uma cultura alternativa àquela veiculada pela televisão, suas opiniões diferem imensamente do que se vê nos telejornais, já o asfalto é o domínio das elites, com todas as suas formas de controle e regras, cujo símbolo supremo é a polícia, o asfalto é onde a opinião das grandes mídias penetra e de onde é refletida. O desejo de Bill e muitos outros engajados na luta contra as mazelas da desigualdade social é ver o muro entre o morro e o asfalto desaparecer, é dar visibilidade ao morro para melhorar não só o morro, mas o asfalto também. Afinal “O crime, no Brasil, é a derrota de todos nós – um fracasso compartilhado”, dar chance ao morro para se integrar à sociedade, é dar uma chance ao próprio asfalto de se ver livre da violência e do medo que o crime provoca. MV Bill ainda comenta sobre a situação do racismo no Brasil, onde se pensa não haver racismo, mas não é o que se vê nem o que as estatísticas dizem quando se trata de miséria nesse país: “Nós não

somos como os Estados Unidos’, dizem os que reagem às tentativas de colocar as cartas de cor sobre a mesa. Denunciar o racismo é quase ser antibrasileiro, é quase ser impatriótico.”

MV Bill, devido a sua própria história de vida, acredita no movimento hip-hop como um caminho alternativo à vida do crime. Sua vida foi carregada de dificuldades comuns aos moradores de favelas e por isso se vê iluminado por não ter entrado para a marginalidade e grande parte dessa determinação Bill confere ao hip-hop. Através do rap, a pessoa pode canalizar sua raiva, seu ódio e seu amor, aliando arte à política que ao mesmo tempo reflete uma realidade dura, suja e agressiva por meio da própria estética musical do hip-hop.

O livro “Cabeça de Porco” propõe a teoria que a fonte efetiva do crime seja a invisibilidade, isto é, um garoto ou garota pobre e negro(a) que anda pelas ruas de uma grande cidade é socialmente invisível, não recebe atenção de ninguém, ou melhor, não recebe o tratamento pessoal que uma criança em situação mais favorável receberia, ela é tratada a partir do estigma que a sociedade cria coletivamente sobre a figura dessa criança, ou seja, a figura do “moleque de rua”. Este tratamento que a criança recebe desencadeia reações comportamentais que são totalmente previsíveis, e quando essa criança entra para a vida do crime, é a “profecia que se auto cumpre”.

Há ainda a questão da violência policial, que no livro pode ser vista a partir dos olhos do favelado. A o sentimento de ilegitimidade e a revolta contra o aparelho policial chegou a níveis tão extremos que o morador do morro prefere a violência escancarada proveniente do tráfico a uma suposta ordem estatal em que o oficial de polícia rouba e brutaliza arbitrariamente com a pretensa figura de uniforme que deveria representar a lei, e a justiça. Fica bem claro nas letras do texto:

“Hoje, olhar nos olhos do policial, na batida montada na entrada da favela, pode ser interpretado como desacato à autoridade, ensejando um repertório vasto de punições, que se estende da surra à prisão, de ameaças à humilhação; amanhã, baixar os olhos, evitando encarar o policial, na mesma situação, pode suscitar reações idênticas pelos mesmos motivos, por incrível que pareça.” (SOARES, BILL & ATHAYDE, 2005, p. 263)

Zé Ramalho

Zé Ramalho é um espírito livre, suas composições são carregadas de opiniões e críticas sociais. Zé foi uma hippie em sua juventude, e sua identidade se construiu primeiramente a partir do rock e do espírito de liberdade próprios do movimento hippie. Seus interesses, quando jovem, eram as drogas psicodélicas, a música e a crítica social, sofreu influência da contra cultura, do movimento *flower power*:

“A filosofia hippie também me influenciou muito, o contato com a natureza, o pacifismo, a rebeldia contra a ordem estabelecida, os cabelos compridos, a era de Aquários, etc... A arte começou a veicular informações sobre temas polêmicos: homosssexualismo, drogas, sexo, tudo muito rápido.”(KOLIVER, 2008, p. 30)

Sofreu muito com a mentalidade da população de João Pessoa, cidade onde morava durante sua juventude, e expressou muito de sua revolta contra isso em suas músicas. Mais para frente em sua vida mergulhou no mundo da música e da poesia nordestinas, fazendo delas sua grande fonte de inspiração além de grande parte da construção de sua identidade artística. Sua chegada ao Rio de Janeiro também lhe trouxe grandes dificuldades, viveu um tempo praticamente como um mendigo, dormindo em bancos de praça Percorreu diferentes estéticas e temáticas artísticas, passando pela crítica social mais evidente, a volta ao rock, sua primeira influência no mundo da música e a homenagem à música e tradições nordestinas. Zé conta que seu processo de absorção da cultura musical foi inverso ao que se espera. primeiro começou a ouvir rock, principalmente Pink Floyd e Bob Dylan, depois é que passou a se interessar e a incorporar a cultura do cordel, do repente, da música de raiz, dos violeiros do nordeste.

A subversão de Zé Ramalho é interessante, pois de certa forma é uma subversão interna, ela tange o interior da mente humana e busca cativar e provocar imagética e sonoramente a alma de seu interlocutor. Sua obra atinge o que há de mais profundo e misterioso na mente, por isso a subversão. Os sentimentos, pensamentos e desejos vêm do fundo para a superfície quando Zé alcança seu objetivo de tocar o ouvinte de sua música e poesia. Zé tem um projeto utópico para a humanidade que é a desenvolvimento da consciência para desenvolver a sociedade: “um dia iremos todos conviver em paz, felizes, sem fome, sem guerra e miséria, unidos, com uma consciência mais cósmica do que terrena”.

Além dessa subversão, há também a dimensão da crítica social bastante presente na consciência de Zé Ramalho. Ele relata que é extremamente sensível à miséria e ao sofrimento alheio. Sua imagem é de “profeta da caatinga” e “mensageiro do nordeste” e seu outro lado subversivo também aflora, nesse sentido de subverter a ordem de dominância da região sul sobre o norte do Brasil, muito de sua obra trata disso, de romper com a imagem que se tem do nordeste como atrasado tecnologicamente, que o nordestino só pode fazer forró, baião, e nunca rock ou qualquer outro estilo que apele para o segmento moderno.

Zé Ramalho, no livro “O Poeta dos Abismos”, se pronuncia sobre a democracia, ele é a favor da anulação dos votos, pois enxerga a política como um teatro, um político nos moldes atuais não olha para os problemas da população, para Zé, eles têm todo o poder para resolver os problemas da miséria e da fome, mas não resolvem por motivos egoístas, conformistas e simples acomodação.

Zé Ramalho fala bastante da dominação que a igreja tem sobre as pessoas, segundo ele, todas as religiões se impõe através do medo e do terror. Elas exploram a população instigando a imagem do inferno, da punição aos pecados cometidos em vida posterior à morte, é um tormento sem fim, além de contribuir para uma mentalidade hierarquizante e baseada em não questionar.

O Poeta dos abismos fala também sobre a questão da indústria bélica, e relaciona-a com a falta de interesse dos governantes do mundo para com a população. Ele comenta que a indústria bélica é a maior movimentadora de capital do mundo, afinal, um míssil que custa uma fortuna é detonado na guerra e então se fabrica outro, é praticamente um negócio sem fim.

O projeto subversivo de Zé Ramalho consiste em questionar a cultura local a favor de uma cultura livre de preconceitos, regionalismos e xenofobia. Isso é aparente em sua trajetória de vida. Ele sai do interior da Paraíba e conforme o tempo passa, Zé apodera-se de uma cultura mais cosmopolita até chegar a ser uma celebridade no eixo Rio-São Paulo. Ao chegar nesse ponto, Zé olha para trás e percebe que aquela sua antiga cultura que era tradicional, local e relativamente fechada sofria preconceitos do lado de fora, isto é, nas metrópoles brasileiras. E com isso, Zé Ramalho usa da subversão como instrumento de afirmação daquela cultura, flexibilizando e ampliando seu estilo musical, produzindo desde músicas que ressaltassem sua origem nordestina até músicas que negassem a imagem de mensageiro do nordeste.

Conclusão

O programa Subverso representa boa parte da minha ideologia e, portanto, da forma como eu percebo o mundo. Aliando dois elementos primordiais na minha vida, música e política, esse projeto é um primeiro passo para futuras produções de caráter semelhante.

Dessa forma, a série de programas expressa uma posição de defesa ideológica na qual a subversão tem função central. O que todos os músicos retratados pelo programa demonstram é a necessidade de se protestar por um conjunto de valores mais coerente, uma ética mais abrangente e, assim, um mundo mais justo.

A subversão precisa estar em todos os lugares para que haja mudanças. A subversão precisa estar na academia, contestando perpetuamente os modelos científicos vigentes, para que modelos mais abrangentes e mais precisos sejam criados. A subversão precisa estar na arte, pois sua renovação se dá por meio da contestação das regras e valores criados ao longo do tempo, criando, assim, novas possibilidades para a expressão da imaginação e dos sentimentos humanos. A subversão precisa estar na política para combater e corrigir os antigos modos de lidar com a população, procurando novos caminhos que moldem nossas vidas de forma a promover mais felicidade e confiança no futuro; promovendo, sobretudo mais liberdade e igualdade, abarcando todas as pessoas independentemente de suas dificuldades. A subversão precisa estar, antes de tudo, na filosofia, não apenas contestando as ideias estabelecidas, mas como princípio supremo do pensamento humano. Subverter é se soltar das correntes:

“Suponhamos, agora, que um daqueles habitantes consiga se soltar das correntes que o prendem. Com muita dificuldade e sentindo-se frequentemente tonto, ele se voltaria para a luz e começaria a subir até a entrada da caverna. Com muita dificuldade e sentindo-se perdido, ele começaria a se habituar à nova visão com a qual se deparava. Habitando os olhos e os ouvidos, ele veria as estatuetas moverem-se por sobre o muro e, após formular inúmeras hipóteses, por fim compreenderia que elas possuem mais detalhes e são muito mais belas que as sombras que antes via na caverna, e que agora lhes parece algo irreal ou limitado.” (Platão)

Referências

Bibliografia

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOLIVER, Henri. *Zé Ramalho: o poeta dos abismos*. Alto Paraíso: Aldeia Editorial, 2008.

ATHAYDE, Celso; BILL, MV; SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GORDO, João. *Consciência do Gordo*. São Paulo: Jaboticaba, 2004.

VIANNA, Letícia C. R. *Bezerra da Silva: produto do morro: trajetória e obra de um sambista que não é santo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica*. Tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 2001.

Filmografia

FIENNES, Sophie. *The Pervert's Guide to Ideology*. 2012.

RODRIGUES, Elinaldo. *Zé Ramalho - O Herdeiro de Avohai*. 2009.

ATHAYDE, Celso; BILL, MV. *Falcão – Meninos do Tráfico*. 2006.

MOREIRA, Gastão. *Botinada: A Origem do Punk no Brasil*. 2006.

RICK, Fernando. *Guidable: A Verdadeira História do Ratos de Porão*. 2008.

DERRAIK, Márcia; NETO, Simplicio. *Onde a Coruja Dorme*. 2012.

Endereços Eletrônicos

<<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.cartacapital.com.br/politica/13-de-junho-o-dia-que-nao-terminou-6634.html>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.theguardian.com/world/2013/jun/03/taksim-square-istanbul-turkey-protest>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/21/interna_brasil,372809/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades.shtml> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-10-21/pelo-menos-83-jornalistas-foram-agredidos-durante-manifestacoes-mostra-abraji>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,passe-livre-se-retira-de-manifestacoes,1045645>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<https://cbjm.wordpress.com/2013/06/21/a-revolucao-dos-coxinhas-e-seus-estranhos-amigos/>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.regenciacoletiva.com/2013/10/o-coxinha-um-olhar-sociologico.html>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/08/politica/1412729853_844912.html> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Resenha-M%C3%ADdia-consumo-e-subculturas-juvenis.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/polyannaoliveira.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-2-Cap8.pdf>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed769_democratizacao_dos_meios_de_comunicacao> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.cartacapital.com.br/politica/conheca-cinco-candidatos-ao-congresso-que-defendem-a-democratizacao-da-midia-9981.html>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3401804074.html>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://books.google.com.br/books?id=O8xvOuq1YywC&pg=PA3&lpg=PA4&ots=7B0Hw13L7T&focus=viewport&dq=defining+subversion&hl=pt-BR#v=onepage&q=defining%20subversion&f=false>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1409771?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104139334441>> Acesso em: 13 nov. 2014.

<<http://plato.stanford.edu/entries/feminism-political/>> Acesso em: 13 nov. 2014.

Discografia

Bezerra da Silva

Produto do Morro (RCA, 1983).

Justiça Social (RCA, 1987).

Violência Gera Violência (RCA, 1988).

Presidente Caô Caô (RCA, 1994).

Pérolas (Som Livre, 2000).

Marcelo D2

Marcelo D2 Canta Bezerra da Silva (EMI, 2010).

Ratos de Porão

Crucificados Pelo Sistema (Punk Rock Discos, 1984).

Brasil (Roadracer Records, 1989).

Anarkophobia (Estúdio Eldorado, 1990).

Feijoada Acidente? (Roadrunner Records, 1995).

Homem Inimigo do Homem (Alternative Tentacles, 2006).

MV Bill

Traficando Informação (Natasha Records, 1999).

Falcão, o Bagulho é doido (Universal Music, 2006).

Zé Ramalho

Paêbirú (Solar, 1975).

A Peleja do Diabo com o Dono do Céu (Discos CBS, 1979).

Pra Não Dizer que Não Falei de Rock (Epic, 1985).

Frevoador (Columbia, 1992).

Anexos - Roteiros

Roteiro 1 – Bezerra da Silva

VINHETA DE ABERTURA

BG – DOM UM ROMÃO – LAMENTO NEGRO

NARRADOR: O PORTA-VOZ DO MORRO

O CANTOR BEZERRA DA SILVA SE DESTACOU NO CENÁRIO DO SAMBA NO FINAL DO SÉCULO PASSADO POR CANTAR CONTRA A INJUSTIÇA, A OPRESSÃO E O SOFRIMENTO.

TEC: ENTRA TRECHO DA MÚSICA “JUSTIÇA SOCIAL”

BEZERRA VEIO DE BAIXO. IMIGRANTE NORDESTINO E FAVELADO, ELE SE DIZIA POBRE DUAS VEZES. PORÉM, DESDE SEU TERCEIRO ÁLBUM, SUA IDENTIDADE ARTÍSTICA ERA CENTRADA NA TEMÁTICA DO MORRO; DA FAVELA, DEIXANDO DE LADO A ORIGEM NORDESTINA.

TEC: ENTRA TRECHO DA MÚSICA “LEI DO MORRO”

A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DO SAMBISTA FORAM MARCADAS POR CONFLITOS FAMILIARES E COM A ORDEM INSTITUCIONAL, FOI A RAÍZ DA SUA PERSONALIDADE SUBVERSIVA E REVOLTADA. BEZERRA COMEÇOU A TRABALHAR AINDA CRIANÇA, ÉPOCA EM QUE SEU INTERESSE POR MÚSICA SURTIU. A FAMÍLIA NÃO APROVOU O GOSTO PELA MÚSICA, ATIVIDADE QUE ERA VISTA COMO COISA DE VAGABUNDO. MAIS TARDE, BEZERRA INGRESSOU NA MARINHA, MAS LOGO FOI EXPULSO POR INSUBORDINAÇÃO, MAIS UMA DEMONSTRAÇÃO DE SEU CARÁTER INDOMÁVEL.

DEPOIS DISSO, BEZERRA DA SILVA SE MUDOU PARA O RIO DE JANEIRO, E ADOTOU O MORRO DO CANTAGALO, COMUNIDADE PELA QUAL DEMONSTRAVA CARINHO ESPECIAL ENQUANTO VIVO.

TEC: ENTRA TRECHO DA MÚSICA “AS FAVELAS QUE EU NÃO EXALTEI”

NO RIO, BEZERRA COMEÇOU A TRABALHAR NA CONSTRUÇÃO CIVIL, PRINCIPALMENTE COMO PINTOR, RECEBIA UM SALÁRIO ÍNFIMO, ERA EXPLORADO PELA BANDIDAGEM QUE TOMAVA CONTA DO MORRO E DISCRIMINADO PELA POLÍCIA.

TANTA OPRESSÃO O FEZ CAIR NA SARJETA. PASSOU 3 ANOS VIVENDO COMO MENDIGO, ATÉ QUE ENCONTROU CONFORTO NA UMBANDA.

ASSIM QUE COMEÇOU A REESTRUTURAR SUA VIDA, BEZERRA PASSOU A ESTUDAR MÚSICA COM MUITO AFINCO. ESTUDOU 8 ANOS DE VIOLÃO CLÁSSICO, ALÉM DE PERCUSSÃO, TROMPETE E CAVAQUINHO.

ENTROU DE VEZ NO UNIVERSO DO SAMBA E A PARTIR DAÍ, BEZERRA ERA O INTÉRPRETE DOS COMPOSITORES DESCONHECIDOS, O VERDADEIRO PORTA-VOZ DOS EXCLUÍDOS, O PRODUTO DO MORRO.

MÚSICA – PRODUTO DO MORRO (INTEIRA)

BG – MOREIRA DA SILVA – NA SUBIDA DO MORRO

NA MÚSICA PRODUTO DO MORRO, BEZERRA DA SILVA EXPÕE DE FORMA CONTRASTANTE DUAS REALIDADES: O MORRO E O ASFALTO.

QUEM VIVE NO MORRO ASSOCIA O LUGAR À VIOLÊNCIA, MAS TAMBÉM AO SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO.

REPRESENTANTE DA FAVELA, BEZERRA SE MOSTRA SATISFEITO E SEGURO EM RELAÇÃO À SUA ACEITAÇÃO DENTRO DO CONJUNTO DE VALORES DO MORRO. PARA ELE, O MORRO POSSUI UMA CULTURA MAIS HONESTA QUE O ASFALTO.

O ASFALTO POR OUTRO LADO É UM LUGAR DE INSEGURANÇA, DE CRUELDADE. É PARA O FAVELADO UMA FONTE DE OPRESSÃO. SUA OBCESSÃO POR STATUS, DIPLOMAS, CONSUMO, FAZ DO ASFALTO UM AMBIENTE INÓSPITO AO MORADOR DO MORRO, QUE POR SUA VEZ SOFRE PRECONCEITO MORAL DOS MORADORES DO ASFALTO. COISA QUE BEZERRA PRETENDE SUPERAR AO CANTAR: “SOU FAVELADO, MAS TENHO MUITA DIGNIDADE/ E MUITA HONESTIDADE PRA DAR E VENDER”.

PARA BEZERRA DA SILVA, A SOCIEDADE CONFUNDE ESCOLARIDADE COM INTELIGÊNCIA, COMO ELE DEIXA CLARO NO DOCUMENTÁRIO LANÇADO EM 2012: “ONDE A CORUJA DORME”.

TRECHO DO DOCUMENTÁRIO – ONDE A CORUJA DORME

É A DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE MALANDRO, TRADICIONAMENTE ASSOCIADA À DESONESTIDADE E A INTELIGÊNCIA.

BEZERRA PRETENDE AFASTAR O ASPECTO DE DESONESTIDADE DO MORRO, ASSOCIANDO-O À POLÍTICA E À ELITE, COMO NA MÚSICA “NÃO É CONSELHO”.

MÚSICA – NÃO É CONSELHO (INTEIRA)

BG – JOVELINA PÉROLA NEGRA – ORGULHO NEGRO

A MÚSICA “NÃO É CONSELHO” DESTACA O TOTAL DESCRÉDITO QUE BEZERRA TEM PARA COM A DEMOCRACIA NOS MOLDES TRADICIONAIS. PARA ELE, O

JOGO POLÍTICO É UMA GRANDE BESTEIRA. OS POLÍTICOS SÃO INCAPAZES DE ATENDER AS NECESSIDADES DOS POBRES. POR ISSO PREGA O VOTO NULO, MAS NÃO SEM ANTES PROVOCAR UMA PONTA DE ESPERANÇA DE MUDANÇA COM A IMAGEM DA QUEDA DA BASTILHA.

OUTRO PONTO RESSALTADO PELA MÚSICA QUE VOCÊ ACABOU DE OUVIR É O PRECONCEITO RACIAL. BEZERRA, VENDENDO-SE AGREDIDO PELO RACISMO, REVIDA A AGRESSÃO; REAGE ATRAVÉS DE SUA MÚSICA ACUSANDO A ELITE BRANCA DE VERDADEIRA RESPONSÁVEL PELAS MAZELAS DA HUMANIDADE.

O TEMA DO RACISMO TAMBÉM ESTÁ PRESENTE NA MÚSICA “PRECONCEITO DE COR”, GRAVADA EM 1987 NO DISCO JUSTIÇA SOCIAL.

MÚSICA – PRECONCEITO DE COR (INTEIRA)

BG – BLOCO BLEQUE – SÓ TEM JOGADOR

HÁ NO DISCURSO DO MORRO, PRESENTE NA MÚSICA DE BEZERRA DA SILVA UMA CLARA DUALIDADE ENTRE PRETO E BRANCO QUE TRANSCENDE O CONTEXTO RACIAL E SE EXTENDE AO CONCEITO DE CLASSE SOCIAL.

O RACISMO ESTÁ EVIDENTE PARA BEZERRA E PARA O FAVELADO QUANDO O ESTADO PUNE EXCESSIVAMENTE O POBRE, ENQUANTO O CRIME DO COLARINHO BRANCO FICA IMPUNE.

BEZERRA DA SILVA CONTA QUE FOI PRESO 21 VEZES PARA AVERIGUAÇÃO, ISTO É, FOI PRESO PARA QUE A POLÍCIA VERIFICASSE SE SUA FICHA ESTAVA SUJA.

A DISCRIMINAÇÃO, PORTANTO, TOMA UM ASPECTO REAL DE SEGREGAÇÃO, EM QUE UM CONJUNTO PARTICULAR DE PESSOAS RECEBE TRATAMENTO DIFERENCIADO. A POLÍCIA AGE COM BRUTALIDADE E INJUSTIÇA EM RELAÇÃO AOS POBRES E NEGROS. POSTURA BEM DIFERENTE DA ADOTADA EM RELAÇÃO AOS BRANCOS E RICOS.

“A LEI SÓ É IMPLACÁVEL PARA NÓS FAVELADOS/ E PROTEJE O GOLPISTA” É O VERSO QUE MELHOR EXPRESSA A INJUSTIÇA SOFRIDA PELOS NEGROS.

PORTA-VOS DOS EXCLUÍDOS E INTÉRPRETE DOS COMPOSITORES DESCONHECIDOS, BEZERRA DA SILVA ERA VISTO COMO UM ARTISTA MARGINAL, CHAMADO INCLUSIVE DE CANTOR DE BANDIDO. AO MESMO TEMPO, FOI UM GRANDE SUCESSO COMERCIAL, POIS GRANDE PARTE DA POPULAÇÃO SE IDENTIFICAVA COM AS LETRAS QUE ELE CANTAVA.

LETRAS COMO DA MÚSICA “VIDA DE OPERÁRIO” DO LP “VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA” DE 1988.

MÚSICA - VIDA DE OPERÁRIO (INTEIRA)

BG – CHICO BUARQUE – PARTIDO ALTO

NA LETRA DA MÚSICA “VIDA DE OPERÁRIO”, BEZERRA APONTA A BATALHA DIÁRIA DO OPERÁRIO, QUE SOFRE COM O TRANSPORTE PÚBLICO, A FALTA DE DINHEIRO ATÉ PARA SE ALIMENTAR E O TRABALHO EXAUSTIVO. E APESAR DO ESFORÇO, O TRABALHADOR SE VÊ COMO UM ZÉ-NINGUEM COMO MOSTRAM OS VERSOS: “ATLETA SEM FAMA, SOU BANDA SEM NOME/ EU SOU APENAS MAIS UM, QUE NÃO TENHO NENHUM/ MEU SALÁRIO É DE FOME”.

BEZERRA VEM DE UM MOMENTO HISTÓRICO EM QUE O SAMBA JÁ ERA CONSIDERADO, INTERNACIONALMENTE, COMO O GÊNERO MUSICAL NACIONAL. A MÚSICA NORDESTINA, ENTRETANTO, MATINHA SUA FORÇA CONQUISTADA DESDE A DÉCADA DE 1940 COM LUIZ GONZAGA E DEPOIS COM NOMES COMO ZÉ RAMALHO E ALCEU VALENÇA. O QUE BEZERRA FEZ, PORÉM, FOI CAMINHAR NO SENTIDO OPOSTO.

BEZERRA DA SILVA HAVIA INICIADO SUA CARREIRA COMO O REI DO COCO, UM RITMO TÍPICO DO NORDESTE, MAS A PARTIR DO SEU TERCEIRO LP – “PARTIDO ALTO NOTA 10” – ABRAÇA O SAMBA, TOCANDO PARTIDO-ALTO, UM GÊNERO LIGADO À FAVELA.

A MUDANÇA EXPRESSA SEU ENGAJAMENTO COM O ESPÍRITO COLETIVO DO MORRO. BEZERRA IDENTIFICA CLARAMENTE UMA VOCAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA EM SUA MÚSICA. O COMPOSITOR CERTA VEZ DISSE QUE SUA OBRA É UMA “CADEIA DE ESCLARECIMENTO”, ELA LEVA PARA FORA DA FAVELA O PONTO DE VISTA DO MORRO.

E É NESSE CONTEXTO QUE BEZERRA FALA DAS DROGAS EM “A FUMAÇA JÁ SUBIU PRA CUCA”.

MÚSICA – A FUMAÇA JÁ SUBIU PRA CUCA (INTEIRA)

BG – CURUMIM - FUMANCHÚ

BEZERRA NÃO QUESTIONA A LEGALIDADE DA DROGA, ELA CELEBRA A DROGA POR SI SÓ. AFINAL, EM MEIO A TANTA REPRESSÃO, SEJA DO ESTADO, SEJA DA SOCIEDADE CIVIL, O FAVELADO SE VÊ PRIVADO DO PAZER, DO DIVERTIMENTO E DA CULTURA. O QUE FAZER ENTÃO? USAR A DROGA COMO FONTE DE PRAZER.

DROGA E MALANDRAGEM NA VISÃO DE BEZERRA SÃO RECURSOS QUE AJUDAM A DRIBLAR A REPRESSÃO PARA CONSEGUIR UMA PONTA DE PRAZER PARA QUEM VIVE NA FAVELA.

E É NESSE PONTO QUE BEZERRA GANHOU MAIS FAMA: A TEMÁTICA DAS DROGAS, ACOMPANHADA DE HUMOR E DAS GÍRIAS TÍPICAS DE VÁRIAS TRIBOS USUÁRIAS DE DROGAS.

ESSA TEMÁTICA CRIOU CONEXÕES PARA FORA DO AMBIENTE DO SAMBA E BEZERRA GRAVOU COM MARCELO D2, O RAPPÁ ENTRE OUTROS ARTISTAS.

DESSA FORMA, OUVINTES DE REGGAE, RAP E ROCK FORAM INFLUENCIADOS PELO SAMBA DE BEZERRA DA SILVA - O PORTA-VOZ DOS EXCLUÍDOS.

OUÇA UMA HOMENAGEM DE MARCELO D2 DEDICADA A BEZERRA, NA MÚSICA “A SEMENTE”.

MÚSICA – A SEMENTE (VERSÃO COVER DO MARCELO D2) (INTEIRA)

VAI FICANDO POR AQUI A EDIÇÃO DO SUBVERSO SOBRE BEZERRA DA SILVA

FIQUE LIGADO NO PRÓXIMO PROGRAMA, POIS IREMOS FALAR SOBRE A BANDA “RATOS DE PORÃO” E A SUBVERSÃO NO MOVIMENTO PUNK.

VINHETA DE ENCERRAMENTO

Roteiro 2 – Ratos de Porão

VINHETA DE ABERTURRA

BG – G-ANX – SKITSNACK

NARRADOR: A REBELDIA DO PUNK

A BANDA “RATOS DE PORÃO” É UM DOS PRINCIPAIS ÍCONES DO PUNK NO BRASIL. ORIUNDOS DAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO, O RATOS DE PORÃO SURTIU EM 1981, NO INÍCIO DO MOVIMENTO PUNK NO BRASIL.

A CULTURA PUNK É ASSOCIADA AO ANARQUISMO E À SUBVERSÃO DE FORMA GERAL. QUESTIONA OS VALORES MORAIS TRADICIONAIS SEJAM ELES ECONÔMICOS, SOCIAIS OU POLÍTICOS. OU SEJA, O PUNK CRITICA O CAPITALISMO, O DOMÍNIO RELIGIOSO, O NACIONALISMO E O MILITARISMO.

O MOVIMENTO TAMBÉM É LIGADO ÀS LUTAS SOCIAIS CONTRA A HOMOFOBIA, O RACISMO, O MACHISMO E PELOS DIREITOS DOS ANIMAIS.

A MÚSICA “ANARKOPHOBIA” DO DISCO HOMÔNIMO DE 1990 EXPRESSA EM PARTE A IDEOLOGIA DA BANDA

MÚSICA – ANARKOPHOBIA (INTEIRA)

BG – CIDADE CEMITÉRIO – O FUTURO A NINGUÉM PERTENCE

VOCALISTA, LETRISTA E NA BANDA DESDE 1983, JOÃO GORDO É A FIGURA PRINCIPAL DO RATOS DE PORÃO.

GORDO VEM DE UMA FAMÍLIA DE CLASSE MÉDIA BAIXA, DA PERIFERIA DE SÃO PAULO. AFIRMA TER TIDO UMA EDUCAÇÃO MUITO RÍGIDA, POR PARTE DO PAI, MOTIVO QUE ELE VÊ COMO DETERMINANTE PARA SEU AFASTAMENTO DA FAMÍLIA.

QUANDO CRIANÇA SOFREU BULLYING NA ESCOLA POR SER GORDO, E ACREDITA QUE ENCONTROU NO ROCK UMA IDENTIDADE. O ROCK LHE CONFERIU UMA REFERÊNCIA MORAL E ESTÉTICA A PARTIR DA QUAL CONSTRUIU SUA IDENTIDADE.

JOÃO GORDO INICIOU SUA CARREIRA ARTÍSTICA NO RATOS DE PORÃO COM 20 ANOS. A BANDA, PORÉM, NUNCA DEU RETORNO FINANCEIRO SUFICIENTE, E JOÃO PRECISOU TRABALHAR EM DIVERSOS EMPREGOS, COMO RECEPCIONISTA DE HOTEL, PEÃO DE FÁBRICA E MOEDOR DE PEDRA.

MUITO DE SUAS LETRAS FALAM DA VIDA DO OPERÁRIO E DA PERIFERIA. UM BOM EXEMPLO SÃO DUAS MÚSICAS DO DISCO “CRUCIFICADOS PELO SISTEMA” LANÇADO EM 1984.

MÚSICA – CRUCIFICADOS PELO SISTEMA (INTEIRA)**MÚSICA – PERIFERIA (INTEIRA)****BG – SUBTERROR - FUNERAL**

VOCÊ OUVIU “CRUCIFICADOS PELO SISTEMA” E “PERIFERIA”.

DUAS MÚSICAS QUE DEMONSTRAM O TEMA CENTRAL DA SUBVERSÃO DA BANDA. NÃO POR CONINCIDÊNCIA EXISTEM CORRESPONDÊNCIAS ENTRE AS LETRAS DO JOÃO GORDO COM AS IDEIAS DO FILÓSOFO ALEMÃO KARL MARX.

MARX, EM SEU TEXTO “O TRABALHO ALIENADO” VÊ NO TRABALHO DO OPERÁRIO UMA FORMA DE MORTIFICAÇÃO DO ESPÍRITO HUMANO. ALÉM DE O TRABALHO SER EXAUSTIVO E INFRUTÍFERO, FAZ COM QUE O TRABALHADOR SE SINTA FELIZ APENAS EM SEUS MOMENTOS DE PRAZER MATERIAL.

É O QUE JOÃO GORDO CHAMA DE “EXCRAVIDÃO SEMIABERTA”. TEMA TRATADO NA MÚSICA “EXPRESSO DA EXCRAVIDÃO” DO DISCO DE 2006 “HOMEM INIMIGO DO HOMEM”

MÚSICA – EXPRESSO DA EXCRAVIDÃO (INTEIRA)**BG – RADICAL DANCE FACTION – HOT ON THE WIRE**

NAS PALAVRAS DE JOÃO GORDO, O OPERÁRIO LEVANTA CEDO, PEGA O ÔNIBUS LOTADO PARA CHEGAR AO TRABALHO, ONDE NÃO ENCONTRA CONDIÇÕES FAVORÁVEIS PARA SUA ATIVIDADE, VOLTA PRA CASA, DORME E ACORDA PARA A MESMA ROTINA NO DIA SEGUINTE.

NÃO HÁ LIBERDADE PARA O TRABALHADOR ESCOLHER O QUE QUER PARA SUA VIDA, SEU TEMPO É DEDICADO A MANTER O SISTEMA FUNCIONANDO.

O SISTEMA CRIA UMA FALSA SENSAÇÃO DE LIBERDADE ENQUANTO APRISIONA O OPERÁRIO.

RATOS DE PORÃO FALA DISSO NA MÚSICA “FALSA LIBERDADE”.

MÚSICA – FALSA LIBERDADE (INTEIRA)**(CONTINUA) BG – RADICAL DANCE FACTION – HOT ON THE WIRE**

JOÃO GORDO COMPARA A VIDA CAPITALISTA À EXCRAVIDÃO DOS NEGROS. O ÔNIBUS LOTADO, POR EXEMPLO, SERIA ANÁLOGO AOS NAVIOS NEGREIROS.

ALÉM DISSO, A FALTA DE LAZER E PERSPECTIVA QUE ASSOLA AS CLASSES MAIS BAIXAS, AINDA É PREDOMINANTE PARA OS NEGROS.

RATOS DE PORÃO DEDICA A MÚSICA “HOMEM INIMIGO DO HOMEM” À OPRESSÃO DOS NEGROS E DOMINAÇÃO DO HOMEM BRANCO SOBRE O RESTO DO MUNDO.

MÚSICA – HOMEM INIMIGO DO HOMEM (INTEIRA)

BG – SICK VISIONS – PUNCH YOUR LIGHTS OUT

NA MÚSICA QUE VOCÊ OUVIU AGORA E NA MAIORIA DAS LETRAS DA BANDA, JOÃO GORDO CRITICA PROFUNDAMENTE O MODELO POLÍTICO VIGENTE.

ENQUANTO O CAPITALISMO É UMA FORMA DE OPRESSÃO, O NACIONALISMO E O PATRIOTISMO ALIMENTAM ESSE SISTEMA.

GORDO ARGUMENTA QUE O ESTADO NÃO RESPEITA O CIDADÃO. AO NÃO OFERECER EDUCAÇÃO E SAÚDE DE QUALIDADE ALÉM DE PROMOVER A REPRESSÃO POR PARTE POLÍCIA, TREINADA MLITARMENTE. NESSE SENTIDO O CIDADÃO COMUM NÃO TEM A MENOR RAZÃO PARA ENALTACER O ESTADO.

HÁ NA IDEOLOGIA ANARCOPUNK, A IDEIA DE QUE PARA SE LIBERTAR DO CAPITALISMO E DAS INSTITUIÇÕES OPRESSORAS É NECESSÁRIO O ROMPIMENTO COM A IDEIA DE NAÇÃO, DE FORMA QUE DEIXE DE EXISTIR A DIVISÃO POLÍTICA DO MUNDO EM PAÍSES.

A MÚSICA “FARSA NACIONALISTA” EXPRESSA ESSA OPINIÃO:

MÚSICA – FARSA NACIONALISTA (INTEIRA)

BG – DARKTHRONE – HIKING METAL PUNKS

O NACIONALISMO É VISTO NO MEIO PUNK COMO MOTIVADOR DA MENTALIDADE MILITAR. SENDO A MÁQUINA MILITAR UMA INSTITUIÇÃO NACIONAL, O MILITARISMO E O NACIONALISMO ESTÃO FORTEMENTE CONECTADOS, CONTRIBUINDO PARA A CULTURA DA VIOLÊNCIA NO MUNDO.

NA MÚSICA “MÁQUINA MILITAR”, RATOS DE PORÃO DEMONSTRA A IDEOLOGIA ANTI-MILITARISTA.

MÚSICA – MÁQUINA MILITAR (INTEIRA)

(CONTINUA) BG – DARKTHRONE – HIKING METAL PUNKS

CONECTADA À MAQUINA MILITAR, ESTÁ A INDÚSTRIA BÉLICA, CUJO OBJETIVO É O LUCRO.

NA VISÃO DO RATOS DE PORÃO A GUERRA FOMENTA UMA CULTURA DA VIOLÊNCIA COM BASE NAS ARMAS DE FOGO. ESSA CULTURA FUNDAMENTA A GUERRA ÀS DROGAS E A VIOLÊNCIA POLICIAL, TEMA DA MÚSICA “AGRESSÃO/REPRESSÃO”.

MÚSICA – AGRESSÃO/REPRESSÃO (INTEIRA)**BG – TERROR CÓSMICO - SOGGOTH**

A ESTÉTICA DO RATOS DE PORÃO EXPRESSA SUA VISÃO DO MUNDO. A PODRIDÃO, O FRACASSO DO SISTEMA ESTÁ MUITO APARENTE.

O CAPITALISMO É UM FRACASSO;

A DEMOCRACIA É UM FRACASSO;

A ANARQUIA É A RESPOSTA.

A SUBVERSÃO DO SISTEMA É MAIS UMA VEZ CELEBRADA PELO RATOS DE PORÃO NA MÚSICA “CAPITALISMO” DO DISCO “FEIJOADA ACIDENTE?”.

MÚSICA – CAPITALISMO (INTEIRA)

TERMINA AQUI MAIS UMA EDIÇÃO DO PROGRAMA “SUBVERSO”, NA PRÓXIMA EDIÇÃO DESTAQUE PARA O RAPPER CARIOCA MV BILL E A SUBVERSÃO DO CRIME INFANTIL.

VINHETA DE ENCERRAMENTO

Roteiro 3 – MV Bill

VINHETA DE ABERTURA

BG – DJ SHADOW – HARDCORE INSTRUMENTAL HIP HOP

NARRADOR: A JUVENTUDE NAS MÃOS DO CRIME

CONHECIDO COMO MV BILL, ALEX PEREIRA BARBOSA NASCEU E CRESCEU NO BAIRRO CIDADE DE DEUS, PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO.

CONVIVEU COM A MARGINALIDADE DESDE CRIANÇA, PERDEU MUITOS AMIGOS PARA O CRIME E POR ISSO DÁ MUITA IMPORTÂNCIA AO ASSUNTO EM SUAS OBRAS.

PRODUZIU UM DOCUMENTÁRIO E DOIS LIVROS DEDICADOS AO TEMA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES ENVOLVIDAS COM O TRÁFICO.

ALÉM DISSO, PARTICIPOU DA CRIAÇÃO DA “CENTRAL ÚNICA DE FAVELAS”, UMA ORGANIZAÇÃO QUE TRABALHA COM JOVENS DA PERIFERIA NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA, CULTURAL ALÉM DO ESPORTE. TUDO ISSO COM O INTUITO DE SUBVERTER A ORDEM SOCIAL QUE EMPURRA O JOVEM PARA AS MÃOS DO CRIME.

AINDA ASSIM, A PRINCIPAL FORMA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE MV BILL É O RAP. COM SEIS ALBUNS LANÇADOS, SUA CARREIRA MUSICAL É ADMIRADA EM TODO CENÁRIO DO HIP-HOP NACIONAL.

NA MÚSICA “FALCÃO”, MV BILL FALA SOBRE A REALIDADE DA JUVENTUDE CRIMINOSA.

MÚSICA – FALCÃO (INTEIRA)

BG – MF DOOM – ONE BEER

FALCÃO É UMA PALAVRA CHAVE PARA SE FALAR DE JUVENTUDE E CRIMINALIDADE.

O FALCÃO É O JOVEM RESPONSÁVEL POR AVISAR AOS TRAFICANTES DA CHEGADA DA POLÍCIA. ELE FICA EM UM PONTO ALTO DA FAVELA, COM UM RÁDIO OU FOGUETE PARA SER USADO NO ALERTA.

NORMALMENTE O POSTO DE FALCÃO É OCUPADO PELO JOVEM QUE ESTÁ ENTRANDO NA VIDA DO CRIME. POR ISSO, É ALGO TÃO ICÔNICO PARA BILL.

SEGUNDO O LIVRO CABEÇA DE PORCO, DO QUAL MV BILL É COAUTOR, O MENINO DE RUA, O JOVEM DA FAVELA É SOCIALMENTE INVISÍVEL.

ESSAS CRIANÇAS VIVEM EM SITUAÇÃO MISERÁVEL E NO ENTANTO A SOCIEDADE LHE TRATA DE FORMA INDIFERENTE.

NA ANÁLISE DE MV BILL, O JOVEM SOMENTE DEIXA DE SER INVISÍVEL À SOCIEDADE QUANDO USA UMA ARMA COMO AMEAÇA CONTRA O CIDADÃO.

É SOBRE ISSO QUE FALA A LETRA DA MÚSICA “UM CRIOLO REVOLTADO COM UMA ARMA”.

MÚSICA – UM CRIOLO REVOLTADO COM UMA ARMA (INTEIRA)

BG – TUPAC SHAKUR – GUESS WHO’S BACK

A FIGURA DO CRIOLO REVOLTADO COM UMA ARMA, COMO DITO NA MÚSICA, PODE SE TORNAR UM EXEMPLO DE PODER DENTRO DA COMUNIDADE.

ESSE FATOR FAZ PARTE DO QUE MV BILL CHAMA DE CULTURA DO CRIME, QUE ENVOLVE AS REFERÊNCIAS, O VOCABULÁRIO, AS ROUPAS, O MODO DE AGIR E PENSAR DESSAS PESSOAS. É A CULTURA QUE FAVORECE A ENTRADA DO JOVEM PARA A CRIMINALIDADE.

AO FAZER PROPAGANDAS E CAMPANHAS QUE VALORIZAM STATUS, PODER E SEXO, A TV ESTÁ AGINDO SOBRE O IMAGINÁRIO DESSES JOVENS, INCENTIVANDO-OS A BUSCAR UMA FORMA RÁPIDA DE GANHAR DINHEIRO.

E O MEIO MAIS RÁPIDO É, OBVIAMENTE, O TRÁFICO.

PARA O MÚSICO, O QUE OCORRE NO BRASIL É UMA NACIONALIZAÇÃO DA CULTURA DO CRIME. ESSA CULTURA SE ESPALHOU POR TODO O BRASIL A PARTIR DO RIO DE JANEIRO. ISSO SE REVELA PELA DIFUSÃO DE GÍRIAS COMO “ALEMÃO” E “COMANDO VERMELHO”, QUE HOJE SÃO OUVIDAS EM FAVELAS DE TODO O BRASIL.

ESSA CULTURA É RATRATADA COM RÍSPIDEZ E CONTUNDENCIA NA MÚSICA “SOLDADO DO MORRO” DO DISCO “TRAFICANDO INFORMAÇÃO”, LANÇADO NO ANO 2000.

MÚSICA – SOLDADO DO MORRO (INTEIRA)

BG – CYPRESS HILL – WHEN THE SHIT GOES DOWN

O RAPPER MV BILL RELACIONA A CULTURA DO CRIME À VIOLÊNCIA E CORRUPÇÃO POLICIAL.

ELE DIZ QUE A POLÍCIA ABUSA DA AUTORIDADE, PRINCIPALMENTE QUANDO SE TRATA DO CIDADÃO NEGRO E POBRE. OLHAR NOS OLHOS DO POLICIAL PODE SER INTERPRETADO MUITAS VEZES COMO DESACATO À AUTORIDADE. NO DIA SEGUINTE, ABAIXAR OS OLHOS PODE SER INTERPRETADO DA MESMA FORMA, O QUE PODE RESULTAR DESDE UMA SURRA ATÉ A PRISÃO DO INDIVÍDUO.

O TEMA PRESENTE NAS COMPOSIÇÕES DE MV BILL REMETE AO ASSUNTO DO RACISMO.

PARA BILL O BRASIL É PROFUNDAMENTE RACISTA, MAS O DISFARÇA COM O MITO DA CORDIALIDADE. NESSE SENTIDO, DENUNCIÁ-LO É COMO SER ANTIPATRIÓTICO.

A SAÍDA ENCONTRADA POR MV BILL PARA TODA ESSA REPRESSÃO FOI O RAP. ELE PREGA UMA REDENÇÃO ATRAVÉS DA CULTURA E DA ARTE PARA OS JOVENS DESPRIVILEGIADOS.

O RAP PERMITE CANALIZAR A AGRESSIVIDADE, O ÓDIO, AS EMOÇÕES EM GERAL, ALIANDO ARTE E POLÍTICA. PRODUZINDO UM TIPO DE MÚSICA DURA, SUJA E AGRESSIVA.

MV BILL UNIU SEU ENVOLVIMENTO COM O RAP À MILITÂNCIA NO MOVIMENTO NEGRO NA MÚSICA “O PRETO EM MOVIMENTO”, LANÇADA COMO SINGLE E EM FORMA DE CLIPE EM 2006.

MÚSICA – O PRETO EM MOVIMENTO (INTEIRA)

ESSE FOI O SUBVERSO SOBRE MV BILL.

O PRÓXIMO PROGRAMA SERÁ SOBRE O MÍSTICO MESTRE DA MÚSICA NORDESTINA: ZÉ RAMALHO E A SUBVERSÃO DAS BARREIRAS CULTURAIS.

NÃO PERCA.

VINHETA DE ENCERRAMENTO

Roteiro 4 – Zé Ramalho

VINHETA DE ABERTURA

BG – SATWA – BLUE DO CACHORRO MUITO LOUCO

NARRADOR: O ESPÍRITO IMIGRANTE

O PROFETA DA CAATINGA, O MÚSICO E COMPOSITOR ZÉ RAMALHO É UMA FIGURA ÍMPAR.

SUAS LETRAS SÃO BRILHANTEMENTE POÉTICAS. MAS TAMBÉM SÃO CARREGADAS DE OPINIÕES E CRÍTICAS SOCIAIS.

A SUBVERSÃO DE ZÉ RAMALHO SE PROPÕE A QUESTIONAR A CULTURA LOCAL A FAVOR DE UMA CULTURA LIVRE DE PRECONCEITOS, REGIONALISMOS E XENOFOBIA.

ESSE ASSUNTO SERÁ MAIS DESENVOLVIDO AO LONGO DO PROGRAMA. MAS COMO EXEMPLO OUÇA A MÚSICA “CIDADÃO” GRAVADA NO DISCO FREVOADOR DE 1992.

MÚSICA – CIDADÃO (INTEIRA)

BG – AIRTO MOREIRA – ANDEI

ZÉ RAMALHO NASCEU EM BREJO DO CRUZ, CIDADE DO INTERIOR DA PARAÍBA E CRESCEU EM UMA FAMÍLIA PROFUNDAMENTE CATÓLICA.

AOS 6 ANOS ZÉ RAMALHO E SUA FAMÍLIA SE MUDARAM PARA CAMPINA GRANDE, A SEGUNDA MAIOR CIDADE DO ESTADO DA PARAÍBA E AOS 14 PARA A CAPITAL JOÃO PESSOA.

ZÉ É PRODUTO DE UMA CULTURA EXTREMAMENTE FECHADA, MAS AOS POCOS, O MÚSICO SE TORNA UM COSMOPOLITA.

ZÉ RAMALHO ENCONTROU SUA IDENTIDADE NA CONTRA CULTURA E NO MOVIMENTO HIPPIE. DEIXOU O CABELO CRESCER, E COMEÇOU A SEGUIR O VISUAL HIPPIE, POR ISSO SOFREU COM O CONSERVADORISMO DO POVO DE JOÃO PESSOA.

SEU PRIMEIRO MOMENTO DE SUBVERSÃO, PORTANTO, FOI CONTRA O CONJUNTO DE IDEIAS ESTABELECIDAS NESTA PARCELA DA SOCIEDADE: DROGAS, SEXO E ROCK ‘N ROLL FORAM SUAS PRIMEIRAS FERRAMENTAS CONTRA A CULTURA CONSERVADORA.

NESSA FASE DE SUA VIDA, ZÉ GRAVOU AS MÚSICAS MAIS PSICODÉLICAS E INOVADORAS DE SUA CARREIRA. OUÇA A MÚSICA “PEDRA TEMPLO ANIMAL”, DO LENDÁRIO DISCO PAÊBIRÚ, DE 1974.

MÚSICA – PEDRA TEMPLO ANIMAL (INTEIRA)

BG – CYRO BAPTISTA – O CANTO DA EMA

A PARTIR DO FINAL DA DÉCADA DE 1970, ZÉ RAMALHO COMEÇA A SE ESTABELECEM NO EIXO RIO-SÃO PAULO.

ENTRE 1977 E 1982, ELE LANÇOU QUATRO DISCOS QUE FIZERAM MUITO SUCESSO EM TODO BRASIL.

A FAMA DECORRENTE DESSE PERÍODO CRIOU NO PÚBLICO DAS METRÓPOLES A FIGURA DO PROFETA DA CAATINGA. COMO SE ZÉ RAMALHO TOCASSE ESTRITAMENTE MÚSICA NORDESTINA.

FOI O SEGUNDO MOMENTO DE SUBVERSÃO CULTURAL DO CANTOR.

AO EXPANDIR SUA IMAGEM PARA A DIMENSÃO NACIONAL, ZÉ RAMALHO TOMA CONTATO COM UMA AMÁLGAMA CULTURAL MUITO MAIS EXTENSA E DIVERSA.

ISSO IMPLICA NA ESTEREOTIPAGEM DE ZÉ RAMALHO. O GRANDE PÚBLICO DO SUDESTE, VÊ NO CANTOR UM MENSAGEIRO DO NORDESTE. E APESAR DE ZÉ SE BENEFICIAR PROFUNDAMENTE DA CULTURA NORDESTINA EM SUAS COMPOSIÇÕES, ELE MESMO AFIRMA QUE SUA ORIGEM ESTÁ NO ROCK.

O PROFETA DA CAATINGA SENTE-SE INCOMODADO COM A IDEIA DA LIMITAÇÃO ARTÍSTICA LIGADA À ORIGEM GEOGRÁFICA DO ARTISTA.

É NESSE CONTEXTO QUE ZÉ RAMALHO LANÇA O DISCO “PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE ROCK” EM 1984. OUÇA AGORA A SÉTIMA FAIXA DESSE ALBÚM, ENTITULADA “FRÁGIL”.

MÚSICA – FRÁGIL (INTEIRA)

BG – TERRENO BALDIO – A VOLTA

A OBRA DE ZÉ RAMALHO TAMBÉM POSSUI UM ASPECTO DE CRÍTICA SOCIAL. ELE SE DIZ MUITO SENSÍVEL À MISÉRIA E AO SOFRIMENTO ALHEIO.

ENXERGA NA DEMOCRACIA UM TEATRO, NÃO ACREDITA QUE OS POLÍTICOS SE EMPENHAM RESOLVER PROBLEMAS DOS POBRES.

SOBRE RELIGIÃO, ZÉ ARGUMENTA QUE AS GRANDES IGREJAS DOMINAM SUES SEGUIDORES ATRAVÉS DO MEDO, EXPLORANDO A IDEIA DE INFERNO E PUNIÇÃO APÓS A MORTE. ALÉM DE PROJETER UMA MENALIDADE HIERARQUIZANTE EM SEUS SEGUIDORES.

É NOTÁVEL QUE ZÉ RAMALHO COLOCA A RESPONSABILIDADE DAS MAZELAS HUMANAS NAS MÃOS DOS PODEROSOS, ENQUANTO VÊ NOS CIDADÃOS

COMÚNS UMA MASSA QUASE ANIMALESCA, MAS AO MESMO TEMPO EXPRESSANDO CERTA POSITIVIDADE SOBRE O FUTURO DA HUMANIDADE. COMO SE PODE PERCEBER NA MÚSICA “ADMIRÁVEL GADO NOVO”.

MÚSICA – ADMIRÁVEL GADO NOVO (INTEIRA)

BG – SAMBRASA TRIO – LAMENTO NORTISTA

GRANDE PARTE DA OBRA DE ZÉ RAMALHO SE PAUTA NA DESCRIÇÃO DA REALIDADE DURA DO SERTÃO NORDESTINO.

A MÚSICA “ADMIRÁVEL GADO NOVO” FOI GRAVADA NO PRIMEIRO DISCO SOLO DE ZÉ, CHAMADO DE “A PELEJA DO DIABO COM O DONO DO CÉU”.

ESSE DISCO FOI LANÇADO EM 1978, EM PLENA DITADURA MILITAR. SUAS LETRAS ERAM BASTANTE DESAFIADORAS, FALAVEM DE REVOLUÇÃO, DE REPRESSÃO, E LEVAVAM UMA ENERGIA MUITO FORTE AOS OUVINTES.

SEGUNDO ZÉ RAMALHO, ESSE ÁLBUM É POLÍTICO E NORDESTINO, POIS É PROFUNDAMENTE INSPIRADO NA LITERATURA DE CORDEL, ALÉM DA CLARA REFERÊNCIA AO LIVRO “ADMIRÁVEL MUNDO NOVO” DE ALDOUS HUXLEY.

EM ADMIRÁVEL GADO NOVO, ZÉ RAMALHO FALA DA POSITIVIDADE QUE O POVO BRASILEIRO TRANSMITE MESMO SOFRENDO COM TANTA MISÉRIA. E SOB PALAVRAS POÉTICAS E APARENTEMENTE VAGAS, ELE ESCONDE IDEIAS SUBVERSIVAS DE LIBERDADE E OPRESSÃO DA DITADURA, COMO EM “LÁ FORA FAZ UM TEMPO CONFORTÁVEL/ A VIGILÂNCIA CUIDA DO NORMAL”.

É A RETRATAÇÃO DA DUALIDADE OPRIMIDO/OPRESSOR QUE ZÉ RAMALHO EXPRESSA NESSE DISCO. O QUE É AINDA MAIS MARCANTE NA MÚSICA QUE DÁ NOME AO ÁLBUM: “A PELEJA DO DIABO COM O DONO DO CÉU”.

MÚSICA – A PELEJA DO DIABO COM O DONO DO CÉU (INTEIRA)

A SUBVERSÃO É O ELEMENTO QUE MOVE O MUNDO EM DIREÇÃO A UMA ÉTICA MENOS OPRESSORA E UMA FORMA MAIS SIGNIFICATIVA DE EXPERIENCIAR A VIDA.

FICA POR AQUI O ÚLTIMO PROGRAMA SUBVERSO.

VINHETA DE ENCERRAMENTO